



Revista Brasileira de História das Religiões

ISSN
1983-2850

VOLUME 18 | NÚMERO 52 | JANEIRO-ABRIL 2025

ARTIGOS LIVRES

 <https://doi.org/10.18764/1983-2850v18n52e25805>

Tradicionalismo católico e o fundamentalismo religioso: estudo dos casos da Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney e o Centro Dom Bosco

Julio César de Paula Ribeiro

Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ, 2024). Professor na Faculdade Metropolitana São Carlos - FAMESC

 <http://lattes.cnpq.br/3853821561823564>

 <https://orcid.org/0000-0001-8752-1594>

 juliodcpaular@gmail.com

Cecília Mariz

Doutora em Sociologia (UNI- Boston University, 1989). Professora Titular do Depto de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais (UERJ)

 <http://lattes.cnpq.br/3387689737905740>

 <https://orcid.org/0000-0001-7839-3113>

 marizcecilia@gmail.com

RECEBIDO | 13 fev. 2025 – APROVADO | 2 abr. 2025



Resumo: Com base em conceitos e argumentos de Berger e Zijderveld (2012) sobre o fundamentalismo, esse artigo busca refletir e levantar inferências sobre se “tradicionalistas católicos” podem ser considerados como fundamentalistas. Definindo tradicionalistas católicos como aqueles que dão preferência à Missa Tridentina rejeitando várias novidades do Vaticano II, os autores deste artigo apresentam um breve panorama desses grupos existentes no Brasil. Devido à quantidade e diversidade de grupos, optou-se pela metodologia de estudo de casos. Dois grupos são analisados: a Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney e o Centro Dom Bosco de Fé e Política (CDB). Com perfis e histórias bem distintas, esses dois grupos foram escolhidos, tanto por suas diferenças, como por terem surgido no Brasil. A partir de informações divulgadas por cada grupo em redes sociais e sites na internet e também com base em dados coletados em trabalhos realizados por outros pesquisadores, os autores identificam características que aproximam esses grupos do chamado fundamentalismo. Destacam-se, entre essas, o grau de rejeição ao mundo contemporâneo, práticas e discursos intolerantes em relação ao diferente, incluindo àqueles de sua mesma religião. O texto sublinha ainda outras características do fundamentalismo, como discursos políticos em estilo agressivo e bélico, além do uso da internet como meio de divulgação e seu crescimento entre jovens, que são mais evidentes no CDB. Conclui-se que o CDB tende a ter mais proximidade com os diversos fundamentalismos religiosos contemporâneos do que a Administração Apostólica, que se tornou mais moderada com os anos.

Palavras-chave: tradicionalismo católico; fundamentalismo; Concílio Vaticano II.

Catholic Traditionalism and Religious Fundamentalism: a study of the cases of the personal apostolic administration of Saint John Mary Vianney and the Dom Bosco Center

Abstract: Based on the concepts and arguments of Berger and Zijderveld (2012) regarding fundamentalism, this article seeks to reflect and draw inferences on whether “Catholic traditionalists” can be considered fundamentalists. Defining Catholic traditionalists as those who prefer the Tridentine Mass while rejecting various innovations of Vatican II, the authors of this article present a brief overview of these groups in Brazil. Due to the number and diversity of these groups, a case study methodology was chosen. Two groups are analyzed: the Personal Apostolic Administration of Saint John Mary Vianney and the Dom Bosco Center for Faith and Politics (CDB). With distinct profiles and histories, these two groups were chosen both for their differences and for their emergence in Brazil. Based on information shared by each group on social media and websites, as well as data collected from studies conducted by other researchers, the authors identify characteristics that bring these groups closer to what is known as fundamentalism. Among these characteristics, the degree of rejection of the contemporary world and the presence of intolerant practices and discourses toward those who are different—even within their own religion—stand out. The article also highlights other traits of fundamentalism, such as aggressive and warlike political rhetoric, as well as the use of the internet as a means of dissemination and its increasing appeal among young people, aspects that are more evident in CDB. The study concludes that CDB tends to align more closely with various contemporary religious fundamentalisms than the Personal Apostolic Administration, which has become more moderate over the years.

Keywords: catholic traditionalism; fundamentalism; Second Vatican Council.

Tradicionalismo católico y fundamentalismo religioso: estudio de los casos de la Administración Apostólica Personal San Juan María Vianney y el Centro Dom Bosco

Resumen: Basándose en los conceptos y argumentos de Berger y Zijderveld (2012) sobre el fundamentalismo, este artículo busca reflexionar y plantear inferencias sobre si los “tradicionalistas católicos” pueden ser considerados fundamentalistas. Definiendo a los tradicionalistas católicos como aquellos que prefieren la Misa Tridentina y rechazan varias innovaciones del Concilio Vaticano II, los autores de este artículo presentan un breve panorama de estos grupos existentes en Brasil. Debido a la cantidad y diversidad de estos grupos, se optó por la metodología de estudio de casos. Se analizan dos grupos: la Administración Apostólica Personal San Juan María Vianney y el Centro Dom Bosco de Fe y Política (CDB). Con perfiles e historias muy distintas, estos dos grupos fueron elegidos tanto por sus diferencias como por haber surgido en Brasil. A partir de la información difundida por cada grupo en redes sociales y sitios web, así como de datos recopilados en investigaciones realizadas por otros académicos, los auto-

res identifican características que acercan a estos grupos a lo que se conoce como fundamentalismo. Entre estas características destacan el grado de rechazo al mundo contemporáneo y la presencia de prácticas y discursos intolerantes hacia quienes son diferentes, incluso dentro de su propia religión. El artículo también subraya otras características del fundamentalismo, como los discursos políticos de tono agresivo y bélico, además del uso de internet como medio de difusión y su creciente atracción entre los jóvenes, aspectos más evidentes en el CDB. Se concluye que el CDB tiende a tener mayor proximidad con los diversos fundamentalismos religiosos contemporáneos que la Administración Apostólica Personal, que con los años se ha vuelto más moderada.

Palabras clave: tradicionalismo católico; fundamentalismo; Concilio Vaticano II.

Introdução

Desde seu início, o século XX experimenta ebulições sociais que atingem praticamente o mundo inteiro. A revolução comunista, duas grandes guerras, além de intensas transformações tecnológicas, resultam em anseios por mudanças nos costumes e práticas cotidianas e na vida religiosa. Nos pós segundo guerra, se multiplicam movimentos estudantis, culturais, trabalhistas, feministas, políticos, todos esses nichos lutando por mais direitos. Havia um desejo de mudança por grande parte da sociedade, com uma esperança de progresso. Esse anseio por mudança alcança vários setores da Igreja Católica, incluindo importantes lideranças sacerdotes, leigos, teólogos, como destaca Libânio (2005)¹. Reconhecendo que os ares de novidade moviam fiéis e clérigo, João XXIII percebeu que era fundamental acompanhar, mesmo que de modo próprio, os tempos de mudança e romper em parte, com sua histórica rejeição à modernidade, fortemente expressa no Concílio Vaticano I, que ocorreu entre 1869 a 1879.

Em busca de atender esses anseios de mudança o Papa João XXIII (1881-1963) convocou o Concílio Vaticano II, reunindo leigos e clérigos de toda a Igreja, e até convidados de outras religiões, para discutir caminhos novos. Como resultado, o Concílio trouxe uma grande mudança, redefinindo a forma de se comunicar, se aproximando das pessoas e abrindo precedentes para modificações futuras a nível pastoral, ou seja, sobre a forma de transmitir. No entanto houve quem não aprovou as novidades e se revoltou.

Mudanças dificilmente acontecem sem desafios. Sobre tudo em um organismo com uma longa história de presença global, como a Igreja Católica, com membros de diferentes contextos socioculturais. Nos debates e conflitos, entre correntes mais inclinadas por mudanças e outras mais resistentes, dois bispos se destacaram pela forte objeção às mudanças conciliares, Marcel Lefebvre e Antônio de Castro Mayer, que eram na época bispos, respectivamente, das dioceses de Ecône, Suíça e de Campos de Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

O Vaticano II foi se desdobrando nos primeiros anos da década de 1960 sendo concluído em dezembro de 1965 já com Paulo VI (1897-1978), que se responsabilizou por implementar as mudanças conciliares nos anos seguintes. Os dois bispos citados acima decidiram por não aderir às novidades implementadas por Paulo VI e em torno deles nasceram dois movimentos de resistência. Embora geograficamente distantes, esses movimentos eram interrelacionados e compartilharam oposição às resoluções conciliares que giravam em torno de questões teológico-pastorais, como ecumenismo, do diálogo com o mundo moderno e justiça social, mas em especial na

¹ Libânio (2005:11) comenta que “Desde o século XIX, e sobretudo na primeira metade do século XX, explodiu por diversos lados da Igreja Católica uma série de movimentos que carregavam dentro de si as demandas da modernidade científica, da subjetividade, da história e da práxis.”

rejeição das reformas litúrgicas. Ambos movimentos insistiam em conservar o ritual da missa tal como definido no concílio de Trento (ocorrido de 1545 e 1563), ou seja, a “Missa Tridentina”, popularmente chamada de “Missa antiga” ou “Missa em latim²” e ainda por outros como “Missa de sempre”. Tal missa era - até antes de ser reformulada pelo Papa Paulo VI no contexto dos pós Concílio em 1969 - celebrada em latim, com o padre de frente para o altar e de costas para o público, mulheres usando véu, cânticos acompanhados somente pelo órgão, majoritariamente gregoriano e em latim.

Além dos dois movimentos de Lefebvre e Mayer, outros com a mesma agenda, em especial com o apego à missa em latim, foram surgindo posteriormente. No Brasil, é possível identificar através de sites na internet e páginas nas redes sociais uma grande pluralidade desse tipo de movimento, muitos desses formados por jovens, que nem de longe vivenciaram o período pré-conciliar (Ribeiro, 2024) Esses adeptos da Missa Tridentina e dos costumes pré-conciliares ficaram conhecidos, tanto na Igreja quanto na literatura acadêmica, pelo termo “tradicionalistas”. Por ser um termo nativo e já consagrado nessa área de pesquisa consideramos importante mantê-lo em nosso artigo. Entretanto, sabemos que setores dos que vivem essa religiosidade não reconhecem a nomenclatura, e até a rejeitam, argumentando que o nome hoje se tornou pejorativo ou estereotipado. Um outro problema do termo é o fato de que na teoria sociológica, “tradicionalismo”, bem como adjetivo tradicional, se referem a fenômenos sociais bem mais amplos, embora sejam também relacionados a não modernidade.

O conceito clássico de “tradicionalismo” é importante na teoria weberiana. Ao discutir sobre o papel da religião na formação econômica da sociedade no seu **A Ética Protestante o Espírito do Capitalismo**, Weber (2004) define tradicionalismo como um conjunto de valores, costumes e estruturas sociais de grupos pré-modernos, que não foram ainda afetados pela moderna racionalidade ocidental. O sentido weberiano do termo focando no econômico não tem relação com o assumido pelos “nativos” da pesquisa do presente artigo. Também é ainda importante lembrar que os tradicionalistas pesquisados não têm semelhança com o que as Ciências Sociais chamam de “povos tradicionais”, exemplificados por povos originários brasileiros que preservam sua cultura, valores e práticas, não aderindo à cosmovisão e estilo de vida moderno que tem sido globalizado no mundo contemporâneo.

Os conceitos de tradicionalismo e tradicional, tal como usados nas Ciências Sociais, aparecem na análise Berger e Zijderveld (2012) quando afirmam que religiosos fundamentalistas não são tradicionais, mas pelo contrário, são modernos. Sublinham que apesar de defenderem valores e estilos de vida tradicionais, esses movimentos surgiram no mundo moderno e crescem com a adoção de práticas contemporâneas de propagação das ideias, como o uso da internet. Em diálogo com esses autores refletimos a dimensão “não tradicional” dos tradicionalistas católicos, e buscamos as similaridades desses movimentos com os que os autores acima identificam como fundamentalismo. Desta forma, a pergunta que orienta esse artigo é em que medida grupos “tradicionalistas católicos” podem ser considerados como fundamentalistas? Seriam esses grupos a expressão católica de um mesmo fenômeno social de reação ao mundo contemporâneo que atinge também evangélicos e islâmicos, entre outros grupos religiosos? Dessa forma, procuramos identificar raízes desse fenômeno católico fora do campo exclusivamente católico.

² O termo é usado para se referir à Missa Tridentina pelo fato de esta ser celebrada exclusivamente em latim. Após o Concílio, a “missa nova”, reformulada, ganhou a permissão de ser celebrada na língua vernácula, que é o habitual hoje em dia, contudo também pode ser celebrada em latim, o que é raro fora do Vaticano.

Para responder à questão proposta, comentaremos brevemente sobre o conceito de fundamentalismo religioso no item a seguir. Reconhecendo o amplo debate sobre o tema, optamos por não propor revisão da bibliografia, já realizada por muitos, mas adotar Berger e Zijderfeld (2012) como referência. Escolhemos esses autores porque foram eles que nos inspiraram essa reflexão sobre a relação entre “tradicionalistas” e fundamentalistas. Optamos pela abordagem desses autores porque ela é capaz de dar conta do amplo debate sobre o fundamentalismo de forma clara, precisa e concisa.³

No item que segue a discussão teórica, apresentamos um rápido panorama de grupos identificados como tradicionalistas católicos no Brasil. Como também há diversas formas de definir o que seriam os tradicionalistas católicos, tanto entre “nativos” como entre os acadêmicos, esclareceremos mais adiante o critério que adotamos em nossa definição e justificamos nossa escolha. Por fim, baseados na literatura e dados da internet em sites dos movimentos pesquisados, comentaremos sobre práticas e discursos que os aproximam ou os afastam do que tem sido definido como fundamentalismo. Os grupos tradicionalistas católicos são diversos entre si, não seria possível analisar todos do Brasil em um artigo, por isso optamos nessa análise comparar apenas dois dentre esses. Com perfil e história bem distinta, esses dois grupos foram escolhidos por ambos terem surgido no Brasil. São eles: a Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney e o Centro Dom Bosco. Mais adiante desenvolveremos mais sobre cada um deles.

Esse artigo se baseia, em parte, na dissertação de mestrado de um dos autores (Ribeiro, 2024). Os dados aqui analisados foram obtidos por esse autor através de pesquisas em sites da internet (em sites, youtube e redes sociais) tradicionalistas, além da revisão da bibliografia. Coerentemente adotamos a mesma definição de tradicionalismo católico da dissertação acima citada, que será posteriormente explicitada.

Refletindo sobre o fundamentalismo

Há uma ampla literatura e debate sobre os limites e problemas do conceito fundamentalismo, apesar de seus limites o conceito tem sido muito adotado pela academia e mídia o que revela que possui alguma utilidade (Rocha 2020). Não vamos rever essa discussão nem a literatura sobre esse conceito, que já foi realizada com maestria por diversos autores, como Bruce (2008), entre outros. Nesse artigo, como dito acima, dialogaremos basicamente com o livro de Berger e Zijderfeld (2012) sobre o tema. Analisando as expressões religiosas fundamentalistas, tanto Bruce (2008) como Berger e Zijderfeld (2012) apontam que esses movimentos surgiram em sua maioria no século XX. São assim fruto do contexto moderno e contemporâneo. Esses autores também concordam que há ideologias seculares fundamentalistas, que tal como fundamentalismos religiosos, reagem à modernidade sendo intolerantes e bélicas. Para os fundamentalistas religiosos, o diálogo de sua religião com os valores da sociedade moderna seria uma “contaminação” e uma distorção da verdade da fé.

Berger e Zijderfeld (2012) são cuidadosos ao descrever o conceito de fundamentalismo para que se evite qualquer confusão de termos e significados, o que pode acontecer, por exemplo,

³ Berger já fazia referências a “fundamentalistas evangélicos”, em seus trabalhos do início de sua carreira, contudo, apenas nos trabalhos mais recentes o autor começa a refletir sobre o conceito de fundamentalismo como fenômeno que atinge a todas as religiões, e não apenas os evangélicos.

ao considerar como fundamentalista qualquer fiel mais intenso ou rigoroso na sua religiosidade. Os autores recordam que esse termo nasceu de um movimento protestante americano no início do século XX quando dois leigos investiram alguns milhares de dólares para financiar uma campanha de reação e combate a teologia liberal e em defesa do protestantismo conservador. A campanha produziu e distribuiu uma série de livretos que tinham por nome “Os Fundamentos”. Em menos de 5 anos, estes fiéis conseguiram distribuir mais de 3 milhões de livretos, o que os popularizou como o “movimento fundamentalista protestante”, que tinha como característica a ênfase na autoridade única e exclusiva da bíblia e um rígido código moral.

O termo que era até então uma forma de nomear estes evangélicos seguidores desse livreto, passou a ser amplamente utilizado, aplicado para os mais diversos contextos, incluindo outras religiões, como judeus e muçulmanos, ou mesmos para ateus, quando se quer designar a militância destes como semelhante a algumas formas de religiosidade. Nessa miscelânea, Berger e Zijderveld (2012) seguiram o caminho de apurar o significado, na intenção de que o termo “fundamentalismo” fique mais preciso e fiel à realidade social a que se refere, para isso analisaram as características desse fenômeno na contemporaneidade.

Como já salientado acima, um ponto central sublinhado por esses autores é o fato de o fundamentalismo ser um fenômeno moderno, isto porque essa corrente só tem sentido de existir em um cenário onde se valorizam a pluralidade de crenças e ideias, respeito ao diferente, liberdade individual, e relativismo em termos de moral sexual especificamente. Esses valores que inspiram a reação dos diversos tipos de fundamentalismos. Apesar de reagir à modernidade, os grupos fundamentalistas possuem características modernas. Artigos na mídia⁴ em geral e trabalhos acadêmicos⁵ numerosos têm apontado para atuação e eficácia desses grupos nas redes sociais e mídia em geral. Sabem utilizar com maestria os meios de comunicação da atualidade para se propagar e se manter. Assim, como foi já apontado anteriormente, os autores fazem questão de sublinhar que fundamentalismo e tradicionalismo não são o mesmo fenômeno. Salientamos que o que os autores chamam de “tradicionalismo” não é o mesmo movimento que esse artigo se propõe estudar. Berger e Zijderveld (2012), ao usar “tradicionalismo”, se refere, de modo abrangente àqueles povos tradicionais que vivem suas tradições. Assim, afirmam Berger e Zijderveld (2012):

[...] um tradicionalista pode se dar ao luxo de ser descontraído em relação à sua visão de mundo e relativamente tolerante em relação às pessoas que não compartilham dessa atitude - afinal, elas não passam de pessoas inferiores que negam o óbvio. Para o fundamentalista, esses “outros” representam uma séria ameaça à certeza conquistada a duras penas; eles devem ser convertidos, segregados ou, no extremo, expulsos ou “liquidados” (Berger; Zijderveld, 2012, p. 102).

Nesse trecho é apresentado o que seria a diferença primordial entre os tradicionalistas (enquanto povos tradicionais) e os fundamentalistas. O primeiro grupo, mesmo muito convicto de sua tradição, consegue olhar com certa leveza aqueles que pensam ou professam correntes opostas, estes não passariam de pessoas que ainda não enxergaram a verdade ou o bom caminho. Já os fundamentalistas, diante dessas mesmas pessoas que creem ou praticam correntes

⁴ Ver, por exemplo, os artigos como de Freitas (2021) e Senra e Kawaguti (2016)

⁵ O número de trabalhos é bem amplo, e há muitas revisões da bibliografia acadêmica sobre o tema. Ver, por exemplo, os trabalhos de Messias e Costa (2018) e Lírio (2016).

opostas, não as enxergam apenas como “pobres pecadoras” que negam a verdade, mas sim, são vistas como uma ameaça às certezas da fé tradicional, portanto, não são toleradas, devem ser ou convertidas ou afastadas do convívio comum. A intolerância bélica seria outra característica desse movimento.

Esse sentimento de intolerância também é identificado por Bertarelli, Amaral e Lira (2023) como aspecto central do fenômeno chamado de fundamentalismo. Para esses autores, identifica-se nas religiões fundamentalistas oposição veemente acompanhada de reação a qualquer mudança na religião que seja determinada ou influenciada pela modernidade. Nessa linha de argumentação, o estado e a política deveriam se pautar pela religião que consideram como a verdadeira. Por isso grupos religiosos fundamentalistas defendem proibição legal do aborto e prisão da mulher, rejeitam o apoio à população LGBTQIAP+, que em sua visão deveriam ser legalmente reprimidos, o que efetivamente acontece nos países islâmicos fundamentalistas. Pensando nessa característica de rejeição a mudanças, Berger e Zijderveld (2012) dizem, no trecho a seguir, que os fundamentalistas não aceitam que suas tradições sejam também questionadas por outros.

A característica final se baseia nas duas primeiras: o fundamentalismo é uma tentativa de recuperar o não questionamento de uma tradição, normalmente visto como um retorno ao passado imaculado (real ou imaginário) da tradição. Dado o que foi proposto nos parágrafos anteriores, essa visão é considerada ilusória. A condição imaculada não pode ser retomada e, por conseguinte, o projeto fundamentalista é inerentemente frágil. Ele deve ser continuamente defendido e escorado, o que, com frequência, é feito em tons de certeza agressiva (Berger; Zilderveld, 2012, p. 102).

Em resumo os autores destacam como traços do fundamentalismo atitudes pouco reflexivas e críticas em relação a suas próprias crenças, por um lado, e por outro, atitudes intolerantes e belicosas em relação aos diferentes. Essas são algumas, dentre outras características que procuraremos identificar nos grupos católicos tradicionalistas analisados. Antes dessa análise, apresentamos, a seguir, quem chamamos de católicos tradicionalistas

Grupos tradicionalistas no Brasil

Como já foi mencionado antes, vamos adotar aqui o termo “tradicionalismo”, que é utilizado pelos fiéis e lideranças católicas contemporâneas para se referir a movimentos de reação e resistência às mudanças do Concílio Vaticano II. Há já pesquisadores no Brasil que se estudam esses movimentos destacando sua diversidade (Caldeira (2009 e 2011; Portella 2009 e 2014. Esses grupos, portanto, podem variar em relação a sua agenda quanto ao grau de rejeição àquele Concílio e ao poder papal da Igreja na atualidade. Por exemplo, há grupos, como os Arautos do Evangelho, que possuem elementos tradicionalistas e são considerados efetivamente tradicionalistas por alguns autores, como Costa (2014), mas aceitam celebrar a missa nova do pós Vaticano II. No presente artigo optamos, no entanto, chamar tradicionalistas apenas àqueles grupos que são adeptos da missa tridentina recusando a missa nova e, em grau distintos, as outras atualizações conciliares. É bem verdade que uma coisa já está atrelada a outra, uma vez que conservar a Missa Tridentina é, de certa forma, recusar ou pelo menos preterir à Missa nova, que é fruto do Vaticano II. Em determinados grupos, essa resistência reflete recusa de, por vezes, praticamente todo o Concílio Vaticano II (Ribeiro, 2024)

A Missa Tridentina, que foi promulgada no Concílio de Trento (1545-1563), surgiu numa época em que a Igreja reuniu suas forças para resistir a “revolução” causada pelo aparecimento do protestantismo que afinado com a racionalização moderna que ocorria no ocidente, questionava os dogmas, o poder da Igreja e práticas devocionais da Igreja Católica. Com a atualização da liturgia e a criação da Missa nova, colocada pelo Vaticano como o rito latino oficial da Igreja no ocidente, preferir a Missa Tridentina, como fazem os tradicionalistas, tem um peso significativo muito grande. Há nesse gesto um simbolismo e uma ligação direta com o passado e uma tradição por vezes reconstruída e imaginada. Os católicos adeptos exclusivamente da Missa Tridentina, por exemplo, não participam da mesma Missa que é celebrada diariamente pelo papa e pela maioria dos bispos mundo afora. Em se tratando de catolicismo, que tem uma característica de unidade e obediência ao Papa, isso diz muito. Há na Missa Tridentina, e consequentemente em seus adeptos, uma natural conexão espiritual e simbólica com o passado, uma memória de tradição que com o tempo é reconstruída e pode ser considerada em parte imaginária.

Com essa observação, não estamos generalizando e afirmando que todo participante da Missa Tridentina automaticamente rompe ou rejeita o catolicismo de agora, sabemos que isso não ocorre, mas estamos apenas reconhecendo o grande e intrínseco simbolismo por detrás da preferência pela Missa antiga. Por esse motivo, consideramos ser muito relevante tal preferência como fator definidor do que são os tradicionalistas. É importante ainda lembrar que há grupos tradicionalistas que romperam com a Igreja Católica, outros não.⁶ Essas posições mais drásticas variam de grupo para grupo que fazem opção exclusiva pela Missa Tridentina.

Os grupos de católicos adeptos da missa tridentina se multiplicaram nos últimos anos no Brasil e hoje estão presentes em todas as cinco regiões do país (Ribeiro, 2024). Uma das razões para isso é a própria aceitação do Papa dessa missa que tinha sido restrita durante certa época.⁷ Em pesquisa na internet foram identificados os seguintes movimentos tradicionalistas, atuantes no Brasil: Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney, Instituto Bom Pastor, **Summorum Pontificum**, Fraternidade Sacerdotal São Pio X (ou FSSPX) e os sedevacatistas. Todos esses foram grupos criados por clérigos com o intuito de distribuir os sacramentos, conservando a espiritualidade pré-conciliar. Mas há ainda os grupos tradicionalistas criados por leigos, com a missão de catequizar, são eles: Centro Dom Bosco, Associação Montfort, TFP. (Ribeiro, 2024).

Nos próximos parágrafos vamos discutir mais profundamente os dois grupos que escolhemos como objeto específico desse artigo, a Administração Apostólica e o Centro Dom Bosco. O foco dado a esses dois grupos, que são bem distintos em suas origens, o primeiro fundado por clérigos, e o outro por leigos, se dá pelo fato de serem dois movimentos genuinamente brasileiros, não apenas atuantes mas também nascido no Brasil. Sobre outros grupos, nos limitamos a citá-los.

⁶ Para maiores detalhes e lista desses movimentos rompidos com a Igreja Católica ver a dissertação de Ribeiro (2024).

⁷ Após a promulgação da Missa nova, em 1969, as dioceses católicas começaram um processo de transição, substituindo a Missa Tridentina pela nova forma de Missa. Assim, a Missa Tridentina caiu em “desuso” e o vaticano restringiu a celebração. Em 2007, o Papa Bento XVI publicou o documento **Motu Proprio Summorum Pontificum**. Neste documento, Bento XVI disse que, atendendo aos pedidos de muitos fiéis, permitiria a celebração da Missa Tridentina quando houvesse um grupo de fiéis desejosos de participar desse tipo de missa e um padre, designado pelo bispo do local, se disponibilizasse a celebrar. Em 2021, já durante o pontificado do Papa Francisco, foi publicado o documento **Motu Proprio Traditionis Custodes**, que não aboliu totalmente as permissões de Bento XVI, mas restringiu um pouco mais, designando ao bispo local a permissão ou não de novos grupos poderem celebrar a Missa Tridentina.

A Administração Apostólica atualmente é parte da Igreja Católica, sendo uma circunscrição eclesiástica que tem status semelhante à uma diocese, tendo por isso autonomia, vinculada diretamente ao Vaticano. Assumiu esse status e nome em 2002 com a reconciliação dos membros da União Sacerdotal São João Maria Vianney, estabelecida em 1981 quando Dom Antônio de Castro Mayer deixa de ser o bispo responsável pela diocese de Campos dos Goytacazes-RJ. Assim a Administração Apostólica, com esse nome e características atuais, surge após a morte desse bispo, mas tem suas raízes no grupo que foram seus seguidores e que se formou paralelamente ao movimento em torno de Dom Marcel Lefebvre, na Suíça. Como já mencionamos, esses bispos lideravam a resistência tradicionalista no Vaticano II. Por suas posturas, ambos foram excomungados por João Paulo II. Zaquieu-Higino (2019) explica como se deu esse processo. Mesmo com as intervenções e apelos do Vaticano, ambos os prelados continuaram a celebrar a liturgia tradicional em seus territórios durante todo os anos 70, sem implementar as mudanças conciliares. Essa resistência gerou grande desconforto, mas a Santa Sé optou, de início, lidar diplomaticamente com a situação, o que acabou reforçando nos fiéis dessas localidades a sensação de estarem protegidos do modernismo, vivendo em um contexto litúrgico que já não existia no restante do mundo católico.

Em Campos dos Goytacazes-RJ, os fiéis se acostumaram com o formato tradicional da missa mesmo após o Concílio, já que por lá a missa em latim prevaleceu por muitos anos até que, já sob o pontificado de João Paulo II, o Vaticano interveio de forma mais contundente. Segundo Mérida (2016), quando Dom Antônio se aposentou em 1981, Dom Carlos Alberto Navarro foi nomeado como bispo de Campos com a missão de aplicar as mudanças conciliares na diocese. No entanto, os fiéis, habituados à liturgia antiga, resistiram às inovações, seguindo o exemplo de Dom Antônio. O movimento contrário às atualizações incluiu padres e leigos, que recusaram a implementação da nova missa. Diante da resistência, Dom Navarro começou a destituir padres de suas paróquias e a impedir o uso dos espaços diocesanos, levando-os a realizar missas em locais improvisados, como varandas e garagens de leigos, iniciando, de fato, um movimento religioso católico na clandestinidade. Mérida (2016) explica que a resistência culminou em um cisma formal em 1991, quando o grupo seguidor de Dom Antônio ordenou, sem autorização papal, Monseñor Licínio Rangel como bispo, o que resultou em sua excomunhão. Esse episódio, acontecido na cidade de São Fidélis, interior do Estado do Rio de Janeiro, se espelhou no que havia ocorrido três anos antes, em 1988, quando Dom Marcel Lefebvre e Dom Antônio foram excomungados por sagrarem bispos sem permissão do Papa para a Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX), fundada por Lefebvre, na Suíça.

A resistência tradicionalista liderada por Lefebvre e Castro Mayer deu origem, portanto, a dois movimentos principais: a FSSPX, fundada em 1970, e a União Sacerdotal São João Maria Vianney, estabelecida em 1981 em Campos dos Goytacazes-RJ, para congregar padres e fiéis tradicionalistas. Como foi relatado acima, ambos os grupos e seus líderes foram punidos com a excomunhão, no entanto, depois dos falecimentos dos prelados líderes os grupos seguiram caminhos diferentes ao longo do tempo. Em 2002, o grupo de Campos, ou seja, a União Sacerdotal São João Maria Vianney, reconciliou-se com a Santa Sé sob o Papado de João Paulo II, sendo reformulada adotou o nome de Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney. Esse arranjo permitiu que os tradicionalistas de Campos mantivessem suas práticas pré-conciliares e celebrassem a “missa antiga”, desde que aceitassem a autoridade do Papa e reconhecessem o Concílio Vaticano II e seus documentos como legítimo magistério da Igreja.

O acordo pacificou a relação entre esse conjunto de fiéis tradicionalistas e os fiéis adeptos das atualizações conciliares.

A Administração Apostólica, segundo Ribeiro (2024), cresceu rapidamente, expandindo sua presença em várias capitais brasileiras, como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Vitória e São Paulo, além de cidades do interior, construindo capelas, paróquias e um seminário para a formação de novos sacerdotes em Campos dos Goytacazes-RJ. Em 2024, de acordo com sua **homepage**⁸, a Administração já contava com cinco institutos religiosos para freiras, um número crescente de adeptos que se espalhou para os outros estados do sudeste, refletindo o poder de expansão do movimento quando reconciliado com o Papa.

O outro grupo, que focamos aqui, Centro Dom Bosco, difere da administração Apostólica, de Campos dos Goytacazes-RJ, por ter uma história bem mais recente e também por ser fundado por leigos. No entanto, ambos são movimentos surgidos no Brasil e criado por brasileiros. Como dito acima, embora tenha adotado esse nome em 2002, a Administração Apostólica surgiu efetivamente em 1982 fundada por sacerdotes com objetivo de assistir espiritualmente os fiéis leigos dentro do carisma e formato tradicionalista da fé. Eram assim padres que desejavam celebrar a Missa em latim, dar os sacramentos e catequizar os fiéis conforme os moldes pré-conciliares.

Já o Centro Dom Bosco de Fé e Cultura (CDB) é um grupo de leigos, fundado por leigos em setembro de 2016 na cidade do Rio de Janeiro. Logo que surgiu, esse centro tinha mais laços com arcebispo e a arquidiocese do Rio de Janeiro e incorporava jovens conservadores de várias tendências católicas, não necessariamente tradicionalista⁹. Atualmente, na sua **homepage**¹⁰, o Centro Dom Bosco (CDB) se define como um grupo de fiéis católicos que assumem a missão de resgatar a tradição da Igreja por meio de aulas, livros e apologética. Esses fiéis querem também resgatar o Brasil que acreditam ser uma nação católica contaminada pelo liberalismo maçônico. Para realizar esse duplo resgate, o CDB quer formar uma nova geração de católicos prontos para isso.

Interessante notar o paralelo antagônico entre esses dois termos usados pelo CDB: resgatar e renovar. O mesmo grupo tem por missão, segundo palavras no próprio site, resgatar a tradição e renovar a Igreja. O que pode parecer oposto no significado é bem entendido pelos membros do movimento, sua missão é: diante de uma Igreja “contaminada” pelo que há de moderno, renovar para esses jovens, hoje tradicionalistas, não é inovar, é retornar. Seu projeto é voltar a um passado idealizado como sendo a época de ouro do catolicismo, uma época muito mais ligada a Trento, uma referência ao Concílio de Trento. O CDB ganhou destaque na mídia quando entrou com pedido na justiça para que a associação “Católicas pelo direito de decidir” não tivessem direito a usar o termo “católicas”, tendo perdido esse pleito no STF¹¹.

Nas páginas seguintes aprofundamos a análise de cada um desses dois grupos relacionando suas origens, discursos e práticas ao que foi identificado por Berger e Zilderveld, (2012) como características dos movimentos fundamentalistas evangélicos e islâmicos.

⁸ Disponível em: <https://adapostolica.org/>. Acesso 10 nov. 2024

⁹ Essa informação foi obtida pela observação e acompanhamento via internet do trajeto desse grupo através dos anos por um dos autores (Júlio César de Paula Ribeiro)

¹⁰ Disponível em: <https://centrodombosco.org/quem-somos/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

¹¹ Sobre o resultado dessa disputa ver <https://oabjabaquara.org.br/decisao-equivocada-do-stj-com-relacao-as-catolicas-pelo-direito-de-decidir/>.

Dimensões fundamentalistas dos tradicionalistas católicos brasileiros

Uma primeira similaridade entre o tradicionalismo católico e os fundamentalismos islâmico e evangélico é seu surgimento. Os três movimentos surgem no século XX e experimentam um maior crescimento com a globalização de valores morais contemporâneos e ampliação dos meios de comunicação em décadas mais recentes.

O tradicionalismo católico é claramente reação ao Vaticano II, as mudanças no cotidiano católico e práticas afins com a modernidade, como já destacado acima. Um dos autores que comenta essas mudanças, Portella (2014), sublinha que os padres já não eram obrigados a usar, exclusivamente, a batina, não necessitavam de tonsuras- um tipo de corte de cabelo que raspava, em forma de círculo, o couro cabeludo no topo da cabeça, além disso o latim foi substituído pela língua vernácula nas liturgias; A missa foi totalmente reformulada de sua estrutura tridentina. O sacerdote que antes rezava de costas para o povo, sempre em latim, em alguns momentos em voz baixa, agora reza na língua do país, de frente para os fiéis, com voz alta e clara. Em especial, essa mudança no ritual da Missa, ou seja, na Eucaristia, central para o catolicismo, criou reações e desconfortos de líderes e leigos.

Outras características fundamentalistas do tradicionalismo no Brasil aparecem no estudo pioneiro de Seiblitiz (1992) sobre o grupo de Campos de Goytacazes. Esse tradicionalismo brasileiro, então restrito ao Norte Fluminense, composto por padres e fiéis (que futuramente formariam a Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney), travava uma “batalha” contra o Vaticano e o suposto modernismo na Igreja, resistiam às novidades conciliares, tendo como mentor espiritual e intelectual Dom Antônio de Castro Mayer, o bispo de Campos dos Goytacazes-RJ entre 1948 a 1981. Segundo a autora, naquela época o grupo de Campos dos Goytacazes-RJ se autointitulava como tradicionalistas, um distintivo que carregavam com orgulho e os diferenciavam dos católicos progressistas.

Seiblitiz (1992) destaca o paradoxo da atitude desses tradicionalistas. Se defendiam a tradição católica, deviam acatar a autoridade suprema do Papa, mas se revoltando estavam agindo de forma mais revolucionária e contemporânea. Afirmando que se submetiam rigorosamente à autoridade da Igreja, se rebelam fortemente contra essa mesma autoridade, agora representada por Papas adeptos a um Concílio inovador. Estes, que seriam dos católicos os mais fiéis ao papado (já que buscam a observância estrita dos dogmas e costumes católicos), acreditam, em consciência, ter agora um dever de lhe desobedecer. Berger e Zilderveld (2012) apontam para esse paradoxo nos vários fundamentalismos que rejeitam a modernidade sendo modernos. Ao assumir atitude revoltosa e até bélica era contra a tradição de obediência ensinada pela Igreja, os tradicionalistas católicos se assemelhavam ao mundo moderno que questiona a obediência estrita a líderes tradicionalmente legitimados. A autora observou ainda duas outras características no tradicionalismo que se relacionam com fundamentalismos apontadas por Berger e Zilderveld (2012), que são (1): a compreensão negativa do processo histórico, e (2) a construção de um sistema de caráter intransigente.

Sobre a compreensão do processo histórico, Seiblitiz (1992) descreveu que os tradicionalistas se apegam à perspectiva “romanizadora” da fé, deixando de ver as possibilidades que a Igreja tem de permanecer viva em diversos contextos, como o latino-americano. No intuito de reproduzir uma espécie de religiosidade que consideram ser a única verdadeira, esses fiéis abrem mão das conquistas que o desenvolvimento da teologia pode trazer. Para a autora, esse estilo

de religiosidade não quer dizer tanto uma época passada específica, mas sim um estilo de ser Igreja, estilo esse que foi constituído no período do Concílio de Trento. Conclui ela dizendo que o tradicionalismo é essa ideologia que lê a Igreja sob uma ótica que não permite aberturas, intransigente às novidades, como é a terceira característica por ela identificada.

Esse aspecto, continua ela, não se dá por acaso, mas explica-se ao olhar o histórico da Igreja Católica no período em que viveram homens como Lefebvre e Dom Antônio de Castro Mayer. Especificamente falando de Dom Mayer, que foi responsável por pastorear e formar as consciências católicas na região Norte Fluminense desde 1948, quando nomeado bispo para a diocese de Campos dos Goytacazes-RJ, seu receio era de que mudando a linguagem da missa, fossem também mudados os conceitos, conseqüentemente, a fé. Tendo estudado em Roma nos anos 20 e sendo ordenado sacerdote em 1927, Dom Mayer foi formado em uma Igreja que tinha por “modus vivendi” o combate ao modernismo que queria uma sociedade e um Estado plural, laico, algo ameaçador para a fé católica de então. Saltando para os anos 60, Dom Mayer identificou nos esforços dos bispos conciliares uma mentalidade modernista, que queria uma adaptação ao mundo. Tal inversão era inaceitável para ele, ao invés de o clero ensinar e converter o mundo, estava “se curvando” a seus caprichos e a ideias mundanas ao invés de ter poder sobre ele. Para o bispo de Campos, isso seria uma traição ao que a própria Igreja orientava décadas atrás, que ele não permitiria em seu território. Já para a Igreja conciliar, essa mudança de rota e de postura era fruto de uma reflexão mais madura e coerente com o que o Jesus Cristo fez ao vir ao mundo.

Dessa forma, como Santos (2023) destaca, os tradicionalistas desejam uma retomada do poder hegemônico da Igreja e de sua influência, inclusive no campo político, para tal, utilizam das dimensões de moralidade, costumes e atribuições de papéis sociais. A busca de inserção da política com religião no projeto de dominar o estado secular está presente nos movimentos fundamentalistas e católicos tradicionais diversos. Essa agenda fica clara nos discursos do Centro Dom Bosco, que em sua homepage declara que sua meta de renovação não se restringe ao terreno eclesialístico, mas inclui o Brasil – chamado por eles de Terra de Santa Cruz, uma alusão ao nome dado pelos portugueses na época em que aqui chegaram pela primeira vez. Para alcançar essa meta maior, os membros do CDB mostram que os instrumentos não ficam no campo religioso, mas passam pela política como ferramenta para essa renovação do país, seguindo a mesma ideia aqui já exposta: renovação não como inovação, mas sim retorno a um passado idealizado.

Ao passarmos do site para o canal do CDB no Youtube¹², é possível identificar muito mais claramente que caminhos estes jovens fazem. A política é tema central nos seus vídeos, sempre críticos à esquerda e, ao menos desde as eleições gerais de 2018, exaltando o ex-presidente Jair Bolsonaro. Na sessão de vídeos enviados durante o segundo semestre de 2022 a maioria são de temas políticos, críticas ao PT, partido do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, elogios ao Professor Olavo de Carvalho, voz muito propagada entre a direita, relatos de aparições de Nossa Senhora do início do século XX falando do socialismo, críticas ao STF, não por coincidência a mesma instituição que foi alvo inúmeras vezes de ataques por parte de Bolsonaro, críticas a padres e bispos, que na visão deles, estão ligados a esquerda ou a Lula.

Quando o tema sai da política e volta para o campo doutrinal ou teológico, o espírito belicoso e de confronto permanece. Agora, os inimigos voltam a ser o modernismo, o Concílio Vaticano II, a Teologia da Libertação, a CNBB, os bispos, padres e papas taxados de progressistas. Em uma série de quinze vídeos, postados entre outubro de 2020 e junho de 2022, denominado

12 Disponível em: <https://www.youtube.com/@centrodombosco/videos>. Acesso em: 10 jan. 2023.

Catecismo da Crise na Igreja, cada um com uma média de duas horas de duração, o presidente do Centro Dom Bosco, Pedro Affonseca, apresenta as causas dos problemas da Igreja Católica atual, entre elas, claro, o Concílio, que estaria cheio de erros doutrinários¹³, também expõe o erro por trás do ecumenismo¹⁴ e da liberdade religiosa¹⁵, condena a Missa nova¹⁶, o pontificado do Papa Francisco¹⁷ e dos outros papas pós Vaticano II¹⁸ e por fim exalta Dom Marcel Lefebvre e sua FSSPX¹⁹.

O poder midiático do CDB é expressivo. Entre os vídeos mais populares, o alcance de visualizações ultrapassa 1 milhão, e mantém uma média de mais de 100 mil visualizações em outras dezenas de produções. Números que demonstram o sucesso na forma de comunicação e a popularidade do pensamento tradicionalista. Não obstante, vieram também problemas com a justiça já que em 2022 o CDB foi multado e obrigado pela justiça a “deletar” (ou seja, apagar) notícias falsas sobre o padre Júlio Lancelloti, acusado por eles de ser excomungado²⁰.

Há, no CDB claramente e entre outros tradicionalistas, uma idealização do passado e valorizando a época que igreja podia dominar o Estado. Há claramente uma valorização do passado e negação do presente, que caracterizam os fundamentalistas, como chama atenção Passos (2020). O autor afirma que esse grupo enxerga no passado o valor, o tesouro perene que seria a melhor fórmula e receita para vivermos, inclusive para vivermos no presente. Passos distingue os tradicionalistas de outra ala católica que ele chama “conservadores”. Para esse autor, o conservadorismo visa somente conservar o que se tem no presente mesmo que seja algo do presente ou de poucos anos atrás. Em contraste, os tradicionalistas querem mudar quando pretendem “restaurar” um passado que por muito já foi substituído.

Como outros grupos religiosos fundamentalistas compartilham um projeto de tornar as leis religiosas como parte do sistema judiciário estatal, ou seja, não aceitar o estado secular. Assim, luta religiosa se torna para eles uma luta política. Direitos como identidade de gênero, não são aceitos pelos tradicionalistas católicos, como sublinha Stoekl (2006) em seu estudo sobre tradicionalistas franceses. O autor afirma que esses rejeitam o próprio conceito de “direitos subjetivos” pois os associam a teses modernistas, advindas da Revolução Francesa. Para eles, os direi-

¹³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4M6pDz8wfKo&list=PLEuNTNnNBFWimiR3ODY5IXof2I-raN1T9e&index=7&ab_channel=CentroDomBosco. Acesso em: 15 jan. 2023.

¹⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N0Syp8bm8mA&list=PLEuNTNnNBFWimiR3ODY5IXof2I-raN1T9e&index=6&ab_channel=CentroDomBosco. Acesso em: 15 jan. 2023.

¹⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7nWefl-cMmg&list=PLEuNTNnNBFWimiR3ODY5IXof2IraN-1T9e&index=4&ab_channel=CentroDomBosco. Acesso em: 15 jan. 2023.

¹⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b3nHIB8KfnM&list=PLEuNTNnNBFWimiR3ODY5IXof2IraN-1T9e&index=10&ab_channel=CentroDomBosco. Acesso em: 15 jan. 2023.

¹⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=80wBb326L0g&list=PLEuNTNnNBFWimiR3ODY5IXof2I-raN1T9e&index=1&ab_channel=CentroDomBosco. Acesso em: 15 jan. 2023.

¹⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IH_q_RGcra8&list=PLEuNTNnNBFWimiR3ODY5IXof2IraN-1T9e&index=2&ab_channel=CentroDomBosco. Acesso em: 15 jan. 2023.

¹⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U0tfYUFBDe4&list=PLEuNTNnNBFWimiR3ODY5IXof2I-raN1T9e&index=16&ab_channel=CentroDomBosco. Acesso em: 15 jan. 2023.

²⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/ancelmo-gois/coluna/2022/09/centro-dom-bosco-desobedece-ordem-judicial-de-apagar-fake-news-sobre-padre-julio-lancelloti-e-raphael-costa-assessor-da-onu.ghtml>. Acesso em: 15 jan. 2023.

tos humanos devem se restringir aos “direitos objetivos”, tais como direito à vida, à propriedade privada, à auto defesa etc. Essa rejeição aparece nas falas de tradicionalistas católicos e evangélicos conservadores brasileiros que compartilham uma mesma agenda anti-gênero. Embora rejeitem o ecumenismo com outras igrejas cristãs, os tradicionalistas brasileiros fazem alianças políticas com os evangélicos, como mostram Carranza e Lacerda (2024) em texto nos informa também sobre atuação política do Centro Dom Bosco.

O espírito bélico que caracteriza o fundamentalismo, como já observado acima, aparece em vários momentos, através da história, entre tradicionalistas católicos no Brasil. Um exemplo é citado por Mérida (2016) quando recorda que em dezembro de 1982, em Itaperuna-RJ, território da diocese de Campos dos Goytacazes-RJ, no Norte Fluminense, os fiéis tradicionalistas, antes da reconciliação com o Papa, organizaram um enorme movimento para impedir a celebração da Missa nova em uma paróquia daquela cidade. Segundo o autor, a igreja virou um campo de batalha, panfletos, faixas, gritos, agressões físicas e verbais, tudo para que o novo bispo não celebrasse uma missa diferente daquela que, tradicionalmente, aqueles fiéis estavam acostumados a participar. Mérida (2016) conta ainda que atos semelhantes aconteceram em outras cidades da região, como Bom Jesus do Itabapoana-RJ, Porciúncula-RJ, Santo Antônio de Pádua-RJ e São Fidélis-RJ, sempre envolvendo, de um lado, um clérigo e seus fiéis decididos a implementar as novidades do Concílio, e do outro lado, os fiéis tradicionalistas e seus clérigos daquela cidade determinados a combater a “ameaça” que representa aquele novo formato de religiosidade. A atitude bélica e violenta, em graus e estilos variados de violência, é também característica dos fundamentalistas. No entanto é importante destacar que em 1982, não existia ainda a Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney. O grupo descrito por Mérida (2016) estava até então sob a liderança que D. Castro Mayer, tendo por nome União Sacerdotal São João M. Vianney. Após a reconciliação destes com o Vaticano, em 2002, não encontramos registros de conflitos dessa natureza com seu clero e fiéis. Encontramos, pelo contrário, registros de experiências de aproximação entre Administração Apostólica e os demais católicos não ligados à Missa Tridentina, como relatada por Michele Piraciaba Araújo (2015) em sua pesquisa sobre a JMJ de 2013

Com a reconciliação com o Papa, a Administração Apostólica perdeu o caráter fundamentalista de sua origem. Nesse sentido, a Administração difere do CDB. Podemos argumentar que antes da conciliação, o grupo estudado por Seiblitiz (1992) e Mérida (2016), que deu origem à Administração Apostólica, tinha um estilo bem mais fundamentalista do que hoje. A partir do acordo com o Vaticano, alguns traços de intolerância fundamentalista foram abandonados. Já o CDB percorreu trajetória inversa, surgindo mais moderado tornou-se mais fundamentalista nos últimos anos, como foi observado.

Em 2019, dando um salto de mais de 30 anos depois do incidente narrado por Mérida (2016) com os tradicionalistas do grupo de Castro Mayer, fiéis tradicionalistas ligados ao Centro Dom Bosco organizaram um movimento para impedir que um padre celebrasse uma “Missa Afro” no bairro da Glória, na cidade do Rio de Janeiro. Essa missa, que é celebrada na Arquidiocese do Rio de Janeiro há mais de 15 anos, incorpora elementos da cultura afro-brasileira. Segundo os relatos dados ao jornal **G1**²¹, os tradicionalistas primeiro foram até o padre na intenção de convencê-lo a não realizar a cerimônia, diante da decisão do sacerdote em prosseguir, o grupo se

²¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/11/21/missa-para-celebrar-a-diversidade-e-a-tolerancia-termina-em-confusao-no-rio.gh.html>. Acesso em: 23 dez. 2023.

posicionou dentro da igreja, rezando em latim e em voz alta no momento em que o padre tentava falar. Os fiéis da missa e os tradicionalistas começaram a discutir, ao final, ambos os lados alegaram que sofreram agressão física, o caso terminou na polícia. Os fiéis tradicionalistas foram, um ano depois, em 2020, indiciados por intolerância religiosa. O delegado da polícia civil disse, em entrevista, que após ouvir as vítimas, o padre celebrante, as testemunhas e os autores, decidiu por indiciá-los por crime de ultraje ao culto, intolerância racial e religiosa²². Esses incidentes narrados, dos anos 80 e em 2019, se assemelham pela intolerância e por chegar ao extremo da agressão verbal ou física diante de um terceiro que manifesta uma religiosidade diferente dentro da mesma religião. O “diferente” é visto como uma ameaça a fé.

Nas redes sociais, onde tudo é mais explícito e aflorado, e por isso tornando arena comum de ataques e confrontos, esse aspecto fundamentalista de setores católicos fica muito mais evidente, com centenas de exemplos. Tomemos, a título de observação, duas páginas católicas nas redes sociais. Uma, um site de notícias do catolicismo, o **ACI digital**²³ juridicamente reconhecido como vinculado a Igreja Católica. A outra página é o Vaticano News²⁴, órgão oficial de imprensa digital do próprio Vaticano. Ambas as páginas fazem diariamente postagens nas redes sociais com notícias relacionadas ao mundo católico. Nos comentários realizados pelos seguidores é possível ver um retrato do grau de polarização do catolicismo atual, elogios, críticas, manifestações de devoção, debates e correntes teológicas diversas, são algumas das reações às mais variadas publicações. Junto a isso, há também centenas de comentários agressivos direcionados àqueles que seriam uma ameaça para a fé. O Papa Francisco, teólogos, cardeais, bispos, padres, freiras e fiéis são frequentemente alvos dos ataques por serem considerados “modernistas”, perigosos para a religião. Para esses católicos, Francisco e os seus são um risco ao ideal de catolicismo tradicional. Embora não seja possível identificar os autores dos comentários podemos supor que sejam das alas tradicionalistas católicas.

Atualmente, para certos fiéis, tradicionalistas de variados lugares e grupos, Francisco é a grave ameaça. Em uma entrevista do papa Argentino, publicada no Facebook® do ACI digital em 25 de janeiro de 2023²⁵, um fiel o chama de “herege ambulante” e “traste”, em outra publicação, no mesmo site de notícias, publicada em 20 de julho de 2023,²⁶ uma fiel diz que Francisco “quer demolir o catolicismo, é o profeta do anticristo”, e termina dizendo que outros papas também fizeram o mesmo, mas foram comidos, João Paulo II, entretanto, teria sido o pior, “um anticristo”. Outros dois fiéis, na mesma publicação, dizem que Francisco quer destruir a Igreja.

²² Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/11/19/policia-indicia-homens-por-intolerancia-religiosa-e-racismo-grupo-e-suspeito-de-tentar-impedir-missa-afro-na-gloria.ghtml>. Acesso em: 23 dez. 2023.

²³ Órgão de imprensa fundado nos anos 80 por um missionário alemão, Alberto Mohn, do Instituto Missionários Combonianos do Coração de Jesus-MCCJ. Disponível em: <https://www.acidigital.com/quemsomos.htm>. Acesso em: 23 dez. 2023.

²⁴ Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt.html>. Acesso em: 14 abr. 2024.

²⁵ Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02dW1UB21e8nc8mKmW8cumsqktUvm-tXaJmWWsmTeGm6Nn3eEa4f5KCgqVsNkKXzrF8l&id=118913001513998&mibextid=Nif5oz. Acesso em: 14 abr. 2024.

²⁶ Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0EDQeVr6zRK3uLhsoKaQbeAkdu3GncSy-7vYzMJeUNx3NWtisQG6Y8MqVFDRTj7pnTI&id=100064853011939&mibextid=Nif5oz. Acesso em: 14 abr. 2024.

Comparar os sites, redes sociais e canais do youtube do CDB e da Administração Apostólica nos ajuda a refletir sobre o grau do fundamentalismo de cada um desses grupos de fiéis. As falas dos líderes do CDB nessas mídias, como já apontamos são muito políticas, abraçando pautas de direita e são duras contra as linhas do catolicismo das quais discordam. Já nos canais da Administração encontramos basicamente a veiculação da Missa Tridentina. Nas homílias e falas dos padres da Administração Apostólica podemos encontrar também temas políticos, sobretudo no período eleitoral, com críticas ao comunismo, porém não encontramos mais críticas ao Concílio Vaticano II, nem aos papas do pós-concílio, nem polemizações com a hierarquia católica. Pelo menos não publicamente.

Pelo analisado acima, fica evidente o caráter fundamentalista de comportamentos e discursos de grupos tradicionalistas católicos. A comparação de dois grupos distintos reforça o argumento que perpassa nosso trabalho desde o início: o tradicionalismo católico não é homogêneo. Por não ser uniforme, e ter alguns segmentos mais radicais e outros mais moderados, uma generalização simples não condiz com a realidade. Dessa forma não se pode taxar todo tradicionalista como fundamentalista. Reconhecemos a presença do fundamentalismo, sem, contudo, deixar que isso defina o todo.

Conclusão

Buscamos nesse artigo compreender o tradicionalismo católico, movimento de resistências às atualizações promovidas pela Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II, como um tipo ripo de fundamentalismo, fenômeno que atinge várias ideologias contemporâneas, especialmente às religiosas. Os tradicionalistas católicos são aqueles fiéis que rejeitam, tanto princípios modernos e a nova postura da Igreja para com a sociedade atual, como as mudanças na liturgia católica. Nesse artigo adotamos como critério para definir esses tradicionalismos a preferência pela missa Tridentina em latim e a crítica ao ritual pós conciliar.

Respondendo à questão proposta na introdução desse texto, se esse fenômeno pode ser considerado um tipo de fundamentalismo religioso, concluímos que em parte sim. Procuramos mostrar, através desse texto, que os grupos tradicionalistas católicos possuem várias das características atribuídas ao fundamentalismo. Tal como esse último, o tradicionalismo deve ser entendido como uma reação moderna ao relativismo moral, opondo-se à modernização e utilizando os meios de comunicação para se propagar. Em geral misturam política com religião porque são contra o pressuposto moderno de separar o poder secular do poder religioso.

Sublinhamos, no entanto, os limites das generalizações simplificadas. O tradicionalismo católico é um fenômeno plural e que tem sofrido mutações. Nesse sentido, como fica evidente na comparação entre a Administração Apostólica e o Centro Dom Bosco, os grupos tradicionalistas podem possuir em quantidade diferente e graus variados de intensidade discursos e atitude intolerantes e bélicas que marcam o fundamentalismo nas diversas religiões e ideologias. A presença de elementos fundamentalistas pode ser maior em alguns grupos do que em outros. A comparação que fizemos mostra que havia mais traços fundamentalista no CDB do que na Administração Apostólica. O primeiro grupo, formado por jovens que nasceram depois do Concílio. Já o segundo grupo, bem mais antigo, tornou-se mais moderado com os anos. Ao que tudo indica, ao se reconciliar com o Papa e a Igreja católica, esse grupo experimentou mudanças importantes.

Assim nossa análise reconhece a complexidade e diversidade dentro do tradicionalismo, evitando reducionismos que possam distorcer a realidade social estudada. Entretanto, demonstra, através de dados com exemplos concretos acontecidos no meio tradicionalista que há sim, em muitos atos, comportamentos fundamentalistas entre esses fiéis.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, M. P. D. **Jovens Católicos e a Jornadas Mundial das Juventude**: Religiosidade e o catolicismo na cidade de Campos de Goytacazes-RJ. Campos dos Goytacazes-RJ, 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Pós Graduação em Sociologia Política, Universidade Estadual Norte Fluminense.
- BERGER, Peter I.; ZIJDERVELD, Anton C. **Em favor da dúvida**: como ter convicções sem se tornar fanático. Tradução de Cristina Yamagami. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2012.
- BERTARELLI, Maria Eugenia. AMARAL, Clínio de Oliveira. LIRA, Ronald Apolinario. Catholic fundamentalism in the 20th and 21st centuries: the hyperbolisation of the Middle Ages carried out by heralds of the gospel. **Revista Signum**, [s. l.], v. 24, n. 1, [s. p.], 2023.
- BRUCE, Steve. **Fundamentalism** Cambridge, UK: Cambridge Polity Press. 2008
- CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Tradicionalismo e conservadorismo católicos: as ideologias em jogo. Entrevista especial com Rodrigo Coppe Caldeira. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2011. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/45840-tradicionalismo-e-conservadorismo-catolicos-as-ideologias-em-jogo-entrevista-especial-com-rodrigo-coppe-caldeira>. Acesso em: 20 fev. 2023
- CARRANZA, Brenda; LACERDA, Marina Ascensão da direita cristã brasileira: ecumenismo político sim! Ecumenismo eclesial, não! In FERNANDES, Sílvia R. A. & LELLIS, Nelson (org) **A Igreja e a Política**: católicos e catolicismo em metamorfose Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial 153-170. 2024
- COSTA, G. B. (2014) **Catolicismo tradicionalista e arautos do evangelho**: aspectos tradicionais de um tradicionalismo católico. Juiz de Fora, 2014. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/486>. Acesso em: 12 abr. 2024.
- LIBÂNIO, J. B. (2005) Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento **Cadernos Teologia Pública** Ano2–Nº16–2005. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/016cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- LIRIO, Luciano de Carvalho. Ciberfundamentalismo – Lutando nos sites do Senhor, *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 12, n.2, p. 75-86, jul-dez/2015.
- Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2016/03/12-2-7.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- MÉRIDA, V. C. **O concílio Vaticano II, Dom Antônio de Castro Mayer e a Diocese de Campos**: resistência e cisma. 2016. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Faculdade Unida de Vitória, Vitória.
- MESSIAS, A. S., & COSTA, M. L. (2018). Dos templos às redes sociais: estudo do facebook numa interface com o fundamentalismo religioso. **Revista Interdisciplinar de Promoção da Saúde**, 1(4), 248-255. <https://doi.org/10.17058/rips.v1i4.13051>
- PASSOS, João Décio. **A força do passado na fraqueza do presente**: o tradicionalismo e suas expressões. São Paulo, SP: Paulinas, 2020.
- PORTELLA, Rodrigo. Ser Católico é Ser Exclusivista? Reflexões e Provocações Sobre um Fenômeno “Moderno”. **Mediações Revista de Ciências Sociais**, v. 18, n. 1, p. 257, 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/media-coes/article/view/16458>. Acesso em 10 nov. 2024
- PORTELLA, Rodrigo. Só o passado salva: reflexões sobre identidades católicas alicerçadas em elementos pré-conciliares. **Pistis e Práxis**: Teologia e Pastoral, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 1035-1056, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/8153/7913>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- PY, Fábio. Paulo Ricardo: trajetória política digital recente do agente ultracatólico do cristofascismo brasileiro. **Tempo e Argumento**, v. 13, n. 34, p. 2-28, 2021. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0202>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- REIS, M. V. Fundamentalismo Religioso nas Redes Sociais no Brasil. *Jornal GGN*. 21 fev. 2021. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/noticia/fundamentalismo-religioso-nas-redes-sociais-no-brasil-por-marcos-vinicius-de-freitas-reis/>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- RIBEIRO, J. C. D. P. **In illo tempore**: Um estudo sobre o tradicionalismo católico, opiniões, motivações e a adesão de fiéis católicos. Rio de Janeiro, 2024. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/22308>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- ROCHA, Daniel. Sob o estigma do fundamentalismo: algumas reflexões sobre um conceito controverso. **HORIZONTE** - Revista de Estudos de Teologia

- e Ciências da Religião, v. 18, n. 56, p. 455, 31 ago. 2020.
- SENRA, R e KAWAGUTI, L. Por dentro da estratégia do Estado Islâmico em redes sociais no Brasil. BBC News Brasil. 22 de jun. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36839598>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- SEIBLITZ, Zelia Milanez de Lossio. **Os arquitetos do paraíso**. Rio de Janeiro, 1992. 509 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SOUZA, N. de LANFRANCHI, M. O avanço do fundamentalismo católico nas redes sociais no Brasil. **Revista de Cultura Teológica**. Nº 102, p. 193-212, Mai-Ago 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/58407>. Acesso em 16 mar. 2025.
- SILVA, Antonio Ozai Da. O pensamento Conservador. Revista **Espaço Acadêmico**, [s. l.], n.107, jan./dez. 2010. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9912/5472>. Acesso em: 1 fev.2022
- STOEKL, Allan. French Catholic Traditionalism and the Specter of Reactionary Politics. **Project Muse**, [s. l.], v. 23, n. 1, set./nov. 2006. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/195545>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2004.
- ZAQUIEU-HIGINO, P. V. **Todos os caminhos levam à Cedamusa: o antimodernismo pós-moderno de padre/Dom Rifan na constituição do neotradicionalismo da Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney**. Juiz de Fora. 2019. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/9915>. Acesso em: 10 out. 2022.